

# MOARA

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

## RELAÇÕES CAUSAIS E GÊNEROS DE TEXTO

---

Iaci Abdon  
Universidade Federal do Pará

### RESUMO

Na abordagem funcionalista da língua, os itens gramaticais não são concebidos como entidades autônomas, devendo ser analisados em referência a parâmetros sócio-cognitivos tais como: modelos mentais de apreensão da realidade, interação social e cultural, propósitos do evento de fala. Assumindo-se essa visão funcionalista e adotando-se o pressuposto de que o significado das expressões lingüísticas pode ser interpretado em diferente níveis ou domínios semânticos (Dik, 1989, 1997; Sweetser, 1990), analisam-se ocorrências de enunciados causais em diferentes gêneros de texto na língua portuguesa. Busca-se verificar a hipótese de que o gênero é um fator determinante quanto à frequência com que emergem as relações causais e quanto à instanciação dessas relações num ou noutro nível semântico. Os resultados da pesquisa apontam que a maior incidência de enunciados causais está associada a gêneros de texto em que o falante está mais envolvido com aquilo que diz, ou melhor, em que ele está autorizado a revelar, mais ostensivamente, sua presença no mundo materializado pela linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações/enunciados causais; gênero de texto.

### ABSTRACT

In the functionalist approach of the language, the grammatical items are not concept how independent entities. They used to be analyzed as reference to a socio cognitive parameters, i.e. mental processes of the reality, social and cultural interaction and proposes of the speech event. The aim of the currently work deals with gender as an determinant factor about the frequency of casual relationship. This study shows an great occurrence of casual utterances linked to textual gender. In particular when the speaker is more engaged with interactional situation.

**KEY WORDS:** Relations; casual utterances; textual gender.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo das relações lógico-semânticas que se estabelecem no enunciado tem uma longa tradição, haja vista os trabalhos realizados no campo da lógica e da psicologia a respeito dos esquemas de pensamento

lógico subjacentes às proposições lingüísticas, e os estudos realizados sobre a estruturação de enunciados, no âmbito da tradição gramatical. Mas é principalmente a partir da década de 70 que o fenômeno de articulação não somente de cláusulas,<sup>1</sup> bem como de porções maiores do texto, é considerado nas diferentes dimensões em que essas relações podem constituir-se no texto em uso: dimensão lógico-semântica, dimensão textual, dimensão pragmática.

A partir desse novo modo de considerar as relações no enunciado, desenvolvem-se trabalhos de lingüistas cuja proposta é demonstrar que as relações entre cláusulas (ou entre estas e outras porções maiores do texto) servem não apenas à expressão de um conteúdo temático, mas também à formulação de estratégias para incrementar alguma predisposição no interlocutor a respeito de propósitos interlocutivos.

Este trabalho integra-se ao conjunto daqueles que pretendem contribuir para a compreensão das relações semântico-discursivas que se constroem no texto. Dentro do universo dessas relações, fez-se a opção de investigar aquelas que envolvem a noção de causa, entendida como condição suficiente para explicar um estado de coisas no mundo real, ou para justificar formulações de juízos e atos de linguagem.<sup>2</sup>

No mundo real, o princípio da causalidade regula o comportamento humano, orientando não somente as ações individuais no dia-a-dia, mas também as dos grupos sociais. Se a causalidade é um princípio fundamental que orienta as ações humanas, é natural que a linguagem, como sistema simbólico, que organiza mental e conceptualmente as experiências que têm lugar no mundo, opere com esse princípio na construção de diferentes tipos de relações pelas quais se constroem significados no texto. Com efeito, a noção de causalidade está na base de um conjunto de relações materializadas pela língua.

Uma descrição adequada das relações causais deve dar conta de que estas se constituem em diferentes planos do discurso e servem a diferentes funções na comunicação lingüística. Também deve considerar fatores determinantes quanto à incidência e à natureza das relações causais materializadas no texto.

<sup>1</sup> Entende-se por cláusula a unidade sintático-semântico-pragmática que estrutura o enunciado.

<sup>2</sup> Sob esse rótulo incluem-se não somente as causas em sentido *stricto sensu*, mas também as razões que o falante propõe em função de seus interesses comunicativos.

Neste trabalho assume-se a hipótese de que os gêneros de texto têm um papel muito significativo no que se refere não só à configuração lingüística de enunciados, orais e escritos, mas também à interpretação do conteúdo semântico de enunciados. Procede-se, assim, à descrição e análise das relações causais, em ocorrências reais do português falado e escrito, em diferentes gêneros de textos: conversação com tema previamente estabelecido, notícias publicadas em jornal, artigo de opinião veiculados em jornal, artigos científicos, com vistas a revelar o modo de existência dessas relações (com que frequência se estabelecem, qual a perspectiva (objetiva/subjetiva) que ajudam a construir no texto, como se expressam nos diferentes níveis de construção do seu significado) e possibilidades de leitura favorecidas em diferentes gêneros textuais.<sup>3</sup>

Compõem o universo das relações causais investigadas, neste trabalho, aquelas que a tradição gramatical denominou de causais, consecutivas, explicativas. Essas relações semânticas constroem-se em enunciados que promovem algum tipo de explicação/justificativa sobre estados de coisas do mundo, ou sobre as ações humanas.

De um ponto de vista da materialização lingüística, a relação causal pode apresentar-se como um ato de explicar, como um ato de consecutar, ou como um ato de justificar. O falante explica nos contextos em que apresenta um fato como condição para a existência de outro (X porque Y), ou seja, procura associar um efeito a uma causa. O falante executa um ato de consecutar quando enuncia a conseqüência decorrente de um fato, observando a ordem conceitual em que se apresentam os fatos causalmente relacionados, ou seja, vai da causa para a conseqüência. E o falante justifica nos contextos em que propõe premissas que sustentem seus pontos de vista (argumenta), e nas situações em que apõe razões para modos de enunciação (pergunta, ordem, ameaça, declaração de intenções, recusa, etc.).

De um ponto de vista semântico-pragmático, a relação causal que se atualiza no discurso se funda numa relação pré-existente, que o sujeito aprendeu a identificar no seu ambiente físico-sócio-cultural. Em outros termos, o que autoriza um falante a estabelecer uma relação de causa e efeito é um conjunto de informações partilhadas pelo senso comum, acerca de como as coisas acontecem no mundo. Naturalmente, se a relação instituída pelo sujeito falante rompe com esse conhecimento,

<sup>3</sup> Este artigo é produto de um trabalho de pesquisa em desenvolvimento. Por razões óbvias, são divulgados parcialmente os resultados alcançados.

esta deixa de ser autorizada, validada pelo ouvinte. Deve-se entender, então, que uma afirmativa em que se propõe uma relação causal somente pode ser coerente na condição em que se sustente em alguma relação admissível no mundo extralingüístico. Essa consideração está em consonância com a idéia de que existem princípios bem gerais e pré-existentes a qualquer discurso particular, os quais são válidos em uma multiplicidade de contextos sócio-discursivos.<sup>4</sup>

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho vincula-se a uma perspectiva funcionalista de análise, e se apropria de subsídios da análise do discurso. É funcionalista porquanto se ocupa da análise das relações causais em enunciados produzidos em situações reais de uso, considerando-se o princípio funcionalista de que os dados lingüísticos devem ser explicados em referência à função que cumprem no processo da interlocução. Por outro lado, apropria-se de contribuições da análise do discurso, em termos de algumas categorias descritivas.

A abordagem funcionalista de Dik (1989; 1997) é o suporte básico desta pesquisa, o que significa assumir o pressuposto de que uma teoria gramatical deve, sempre que possível, integrar o estudo da forma, do significado e do uso das expressões lingüísticas. Também são referenciais teóricos os trabalhos de Halliday & Hasan (1976), Halliday (1985), Sweetser (1990).

O enfoque da pesquisa é o fenômeno de instanciação e os modos de leitura das relações causais, considerando-se os domínios semânticos em que estas se constroem e interpretam. O pressuposto que orienta a pesquisa é o de que essas relações podem ser interpretadas em diferentes níveis de construção do significado (Sweetser, 1990), conforme sirvam à representação de estados de coisas do mundo, à expressão de processos de raciocínio (formulação de juízo de valor/crenças balizados por

<sup>4</sup> Esses princípios gerais que presidem à relação entre dois predicados, autorizando, por exemplo, a passagem de uma premissa a uma conclusão (ou da conclusão à premissa que a sustenta), ou de uma causa a um efeito, estão referidos na literatura lingüística sob o conceito de "topos", sistematizado por Ducrot (1983), que considera ser a ligação semântica entre dois enunciados A e B garantida por um princípio argumentativo do senso comum. Assim, ao formular um enunciado causal, numa situação particular de uso, o falante atualiza um princípio argumentativo mais geral que autoriza o estabelecimento da relação.

evidências/provas), ou à formulação de estratégias que favoreçam a interação entre os participantes de um evento de linguagem.

O problema suscitado pela aplicação do modelo de Sweetser (1990) diz respeito aos limites que separam os enunciados causais de valor factual daqueles que expressam, no fluxo de um processo de raciocínio, tão-somente um ponto de vista sobre estado de coisas do mundo, que, como tal, pode ou não ser partilhado pelos parceiros da interlocução. Uma questão nodal é identificar critérios que possam orientar o reconhecimento de que um enunciado causal tem um conteúdo que não se questiona em termos de legitimidade da relação, ou um conteúdo sujeito à contestação, negação, ponderação.

Esse problema referente à leitura das relações causais não é levado, neste trabalho, às últimas conseqüências, no sentido de discutir o grande enigma em torno da noção de causalidade, enigma esse que cientistas e filósofos têm procurado solucionar. Não, é, portanto, meta deste trabalho construir uma discussão sobre que instrumentos devem ser construídos para definir quando um evento é necessariamente (verdadeiramente) causa de outro. Na verdade, são históricas as dificuldades em prover métodos que permitam confirmar a existência de elo causal efetivo entre estados de coisas, e as respostas para essas dificuldades vêm sendo identificadas, mais recentemente, no campo da teoria matemática pela aplicação de modelos de análise que operam com uma linguagem formal de alta precisão (cf. o trabalho de Judea Pearl, 2000).

A análise proposta para as relações causais insere-se num quadro de pesquisa qualitativa, com algum suporte em dados estatísticos. O que interessa construir é um quadro analítico-descritivo das relações causais em que se explicitem fatores que possam justificar diferenças quanto à instanciação/interpretação de enunciados causais.

## 2 A PROPOSTA DE SWEETSER PARA ANÁLISE DAS COMBINAÇÕES INTERCLÁUSULAS

Com a propósito de explicar a ambigüidade/polissemia em certas áreas do léxico, Sweetser (1990) propõe uma análise pragmática das conjunções, em que procura revelar como determinadas classes de conjunções servem a diferentes finalidades na construção de sentidos. O ponto essencial de sua análise consiste em demonstrar que as relações entre cláusulas podem ser interpretadas em três diferentes domínios do significado, funcionando a conjunção ou como índice da relação entre

conteúdos referentes ao mundo real, ou da relação entre premissas num mundo epistêmico, ou ainda da relação entre atos de fala em execução. Para a autora, a semântica das conjunções deve ser analisada no contexto de uso, para que efetivamente se revele o *status* funcional de cada conjunção.

Conforme Sweetser, nem toda combinação de cláusulas admite interpretações em mais de um domínio: alguns itens da classe das conjunções permitem uma análise em mais de um nível de significado; outros itens, ao contrário, não possibilitam tal análise, por apresentarem uma semântica mais simples, não-sujeita às pressões do contexto pragmático.

Eis alguns dos exemplos que ilustram os diferentes domínios:

(1a) Since John wasn't there, we decided to leave a note for him.

Comentário: A ausência de John causou nossa decisão no mundo real (domínio do conteúdo),

(1b) Since John isn't there, he has (evidently) gone home.

Comentário: O conhecimento da ausência de John causou a conclusão de que ele foi para casa (domínio epistêmico).

(1c) Since you're so smart when was George Washington born?

Comentário: A cláusula subordinada prepara o ato de fala subsequente, possibilita o ato de formular uma pergunta (domínio dos atos de fala).

O trabalho de Sweetser (1990) guarda afinidade com o modelo de Dik (1989). É possível, de fato, estabelecer um paralelo, entre o modelo de Dik e a proposta descritiva de Sweetser, nos seguintes termos: o nível da predicação (estado de coisas) proposto por Dik corresponderia ao nível do conteúdo de Sweetser; o nível da proposição (fato possível) estabelecido por Dik corresponderia ao nível epistêmico de Sweetser; o nível da frase (ato de fala) concebido por Dik corresponderia ao nível conversacional ou nível dos atos de fala de Sweetser.

### 3 AS RELAÇÕES CAUSAIS E OS GÊNEROS DE TEXTO

A análise do *corpus* revela que a frequência com que emergem as relações causais no nível da articulação entre cláusulas e o funcionamento dessas relações, em termos de domínios semânticos, diferem em vista dos gêneros considerados, e representam variáveis que podem ser correlacionadas com a natureza de cada gênero.

#### 3.1 O QUE DEMONSTRAM OS DADOS EM TERMOS ESTATÍSTICOS

Em termos de frequência de enunciados causais, a observação dos dados aponta que a conversação com tema pré-fixado e o artigo de opinião são os gêneros que abrigam um número maior desse tipo de enunciado, enquanto os gêneros notícia e artigo científico<sup>5</sup> apresentam um menor número. Além disso, os textos construídos na área das humanidades parecem favorecer, mais do que os textos da área das ciências biológicas, a ocorrência de enunciados causais.

Uma hipótese que pode explicar as diferenças de ocorrência, em termos estatísticos, entre as quatro categorias de gêneros examinados, é que esses gêneros mobilizam mundos discursivos<sup>6</sup> diferentes, que se descrevem como da ordem do narrar autônomo (notícia), ou da ordem do expor autônomo (artigo científico), ou ainda da ordem do expor implicado (artigo de opinião, conversação com tema pré-fixado). Em vista disso, pode-se concluir, mesmo que provisoriamente (dado o número reduzido de textos examinados), que os gêneros nos quais tem lugar a construção de um mundo discursivo autônomo, quer se trate do narrar ou do expor, em tese, não viabilizam a expressão de razões para estado de coisas ou para crenças. Assim, notícias (ordem do narrar autônomo) e artigos científicos (ordem do expor autônomo) são gêneros em que os agentes produtores do discurso procuram minimizar sua presença no mundo virtual que a linguagem constitui e mantêm um distanciamento do público-leitor; o que está em primeiro plano nessas categorias de gêneros não são estratégias persuasivas, mas sim o conteúdo referencial que se quer dar a conhecer a um público genericamente considerado, no caso das notícias, ou a um público específico, em se tratando dos artigos científicos.

Naturalmente, ao produzir textos cuja finalidade é informar/divulgar, quer um conhecimento construído pela ciência, quer acontecimentos observados no mundo, o autor deve desvencilhar-se tanto quanto possível de justificações pessoais, de conjecturas que não tenham suporte em princípios universais, ou em evidências materiais.

Por outro lado, gêneros da ordem do expor implicado caracterizam-se por uma interação mais ostensiva entre o locutor e seus alocutários. Esses gêneros constituem, sim, um lugar apropriado

<sup>5</sup> Foram selecionados textos da área das ciências humanas e das ciências biológicas.

<sup>6</sup> A respeito da noção de mundo discursivo, ver BRONCKART (1999).

à livre argumentação, de modo que favorecem a expressão de causas, razões, evidências (em nível macro e micro), para as afirmações factuais, ou não-factuais, que se fazem acerca da realidade.

### 3.2 O QUE DEMONSTRAM OS DADOS QUANTO À INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA DAS RELAÇÕES CAUSAIS

Considerando-se que a linguagem não é a representação da realidade, mas de um modo de ver a realidade, quase tudo que se afirma sobre o mundo representa um ponto de vista que o indivíduo constrói com base em determinações sócio-histórico-culturais, bem como tem a ver com os propósitos que orientam a interlocução humana. Isso significa que as expressões lingüísticas podem referir estados de coisas atestados no espaço e no tempo (fatos reais), mas, *grosso modo*, referem um estado de coisas segundo o ponto de vista de um sujeito falante, com base na observação, mais ou menos sistemática, que este faz do mundo.

Em vista das diferentes funções da linguagem na representação do mundo, é difícil, o mais das vezes, julgar uma afirmação como factual ou não-factual. Naturalmente, tal julgamento depende, em parte, do estado de informações dos interlocutores. Assim, não há dificuldade em reconhecer o caráter factual de enunciados se estes representam estados de coisas que vivenciamos direta ou indiretamente (p.ex.: (2) “O Brasil foi o vencedor da Copa do Mundo 2002”; (3) “O Círio de Nazaré acontece no segundo domingo de outubro”). No entanto, a interpretação de enunciados como (4) “O MST tem dificultado as ações do Governo quanto à reforma agrária” é problemática. Observa-se que os dois primeiros enunciados expressam fatos incontestes (a vitória do Brasil na Copa, e a data da realização da procissão em homenagem a N.S. de Nazaré), ao passo que o terceiro (referente ao comportamento dos integrantes do Movimento dos Sem-terra) é a expressão de um fato na perspectiva de alguns brasileiros, portanto, pode ser entendido como uma atitude epistêmica, que pode ser sustentada por evidências observáveis no mundo.

Independentemente do estado de informações partilhado, é fundamental considerar-se as condições em que os enunciados são produzidos. Sob esse aspecto, o gênero textual, entendido como dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido, tem uma incidência decisiva sobre a interpretação dos enunciados. Desta feita, os enunciados podem ter seu conteúdo interpretado como factual ou

como uma impressão particular do sujeito falante acerca da situação, considerando-se o gênero em que se inserem (do que decorre considerar-se o *status* dos enunciadores, as circunstâncias temporais e espaciais da enunciação, a extensão e modo de organização do texto, suporte e modo de difusão, entre outros aspectos que delimitam os gêneros).

Em termos lingüísticos, o problema de reconhecer que certas afirmações sobre a realidade são do domínio referencial ou do domínio das proposições relaciona-se ao fato de que, na materialização do enunciado, não há, como regularidade lingüística, a presença de marcas que identifiquem o que se diz como expressão de um fato possível, ou de um fato real. Assim, enunciados como (5), abaixo (produzidos por um falante participante do evento de diálogo, do *corpus* deste trabalho), *a priori*, poderiam ser interpretados, em vista do gênero no qual se inscrevem, como um ponto de vista do locutor:

(5) “A ciência causa uma ansiedade muito grande porque eles (os cientistas) não sabem dizer como o homem vai se comportar”.

Pode-se entender que essas relações, nesse gênero discursivo (conversacional com orientação predominante-mente argumentativa), são construídas não com a função de representar experiências da realidade externa (informar relações entre estados de coisas do mundo, dar a conhecer fatos do mundo), mas, sim, de construir uma linha de raciocínio. A asserção que expressa a parte causada no enunciado (5) deve ser considerada como ponto de vista do falante sobre a realidade, cabendo ao alocutário legitimar, ou não, esse ponto de vista como condizente com o ponto de vista que ele próprio tem da realidade. O exame dos dados referentes ao gênero conversacional permite construir a hipótese de que, nesse gênero, a interpretação de um enunciado causal (em frases declarativas) depende de um esforço particular do falante em acionar seu conhecimento da realidade.

No gênero notícia, ao contrário, o problema não se apresenta, já que as afirmações devem referir a realidade, devem ser factuais (ainda que os mesmos fatos possam ser representados de perspectivas várias por diferentes agentes de notícia). A imprensa deve ter muita seriedade para que não divulgue notícias sem uma investigação jornalística mais profunda, pela coleta suficiente e segura de dados. Trata-se, pois, de um gênero em que os enunciados causais devem, em princípio, circunscrever-se ao relato de acontecimentos, ou seja, as relações que esses enunciados constroem aparecem como um tipo relação entre significados no sentido de representações de conteúdos (ou experiências) do mundo ordinário.

Esse pressuposto de que, no gênero notícia, as relações causais se operam, como regra, entre predicacões, é confirmado pelos dados da pesquisa. Nos casos em que as relações extrapolam esse domínio do conteúdo e se constituem numa camada superior (a das proposições ou a de atos de fala), estas relações são de responsabilidade de outro sujeito a quem o jornalista empresta a própria voz.

Quanto aos artigos científicos, estes são compatíveis com a expressão de relações causais de conteúdo ou de causais epistêmicas. Em se tratando destas últimas, estas são interpretadas como expressão de pontos de vista (hipóteses, considerações) que se sustentam num trabalho de investigação da realidade, condição que as legitima *a priori*. Observa-se que, em textos científicos, um enunciado que expressa uma consideração pessoal do autor tem essa condição revelada por meios lingüísticos apropriados, ou, no mínimo, esse enunciado ocupa uma parte do texto em que as impressões pessoais podem ter lugar. É o que se vê em enunciados como (6) abaixo:

(6) “Podemos considerar que o atendimento à educação básica no Pará caminha tendencialmente para o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases Nº 9394/96, no que diz respeito às responsabilidades das diferentes esferas administrativas, pois os municípios estão ampliando as suas matrículas no pré-escolar e no ensino fundamental, e, mais ainda, na educação de jovens e adultos”.

A observação dos exemplares de gênero científico que compõem o *corpus* deste trabalho permite construir a hipótese de que a área das humanidades é mais propícia à expressão de juízos de valor (causais epistêmicas) do que áreas como a das ciências biológicas. Um texto produzido por um cientista da Biologia revela uma natureza mais expositiva, ao passo que aqueles de autoria de um profissional das ciências humanas mostram tendência à construção de relações argumentativas, que são usadas para evidenciar um julgamento do autor relativamente à realidade que investiga.

Finalmente, em se tratando do gênero artigo de opinião, os enunciados causais servem à argumentação do texto. Aqui, mesmo as relações entre estados de coisas externos à situação de comunicação são evocadas como estratégia de persuasão, como se vê em (7):

(7) “Pura e simplesmente, em nosso país, não pode haver pena capital. E isto porque é a Lei Maior, a Constituição do Brasil, que, no artigo 5º, inciso XLVII, alínea ‘a’, dispõe que não haverá pena de morte”.

Também os enunciados causais do domínio dos atos de fala são parte de uma estratégia persuasiva em textos do gênero artigo de opinião. Por esse meio, o autor justifica convicções pessoais e procura a adesão do leitor. O enunciado (8), abaixo, exemplifica esse valor discursivo (retórico) dos enunciados causais:

(8) “Então, parece-me que ainda não nós demos conta de que o drama dos analfabetos é também um drama meu, seu, de todos nós, pois os reflexos são sentidos por toda a sociedade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de enunciados causais, particularmente nos exemplares do gênero conversação, aponta a dificuldade de distinguir-se se a relação causal está construída no domínio dos fatos reais ou dos fatos possíveis. Isso porque os enunciados causais do domínio epistêmico não apresentam traços estruturais suficientes que os identifiquem como tal.

Em vista dessa dificuldade, é preciso refletir sobre outras motivações não-lingüísticas que orientam o ouvinte/leitor quanto à interpretação do enunciado causal. Afinal, o que motiva o interlocutor a ver um enunciado como expressão de fatos reais, ou como expressão de impressões pessoais sobre o mundo?

Em resposta a essa questão, pode-se afirmar que um ou outro modo de construir/interpretar enunciados está em função de muitos fatores pragmáticos (de ordem sócio-cognitiva), entre os quais: o estado de informação dos sujeitos (o que depende de aspectos histórico-sócio-culturais); a função a que servem os textos que circulam na vida social; os efeitos de sentido que se quer criar na comunicação lingüística.

## REFERÊNCIAS

- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht – Holland / Providence RI – USA, Foris Publications, 1989.
- \_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar: complex and derived constructions*. Ed. By Kees Hengeveld – Berlim: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. Operateurs argumentatifs et visée argumentative. *Cahiers de Linguistique Française*, n. 5, p. 7-36, 1983.

GIVÓN, Talmy. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.

PEARL, Judea. *Causality: models, reasoning and inference*. Cambridge: University Press, 2000.

SWEETSER, Evè. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990.